

ENTRE A OPINIÃO E O ESTEREÓTIPO

Ecléa Bosi

Quem vai trabalhar com histórias de vida, biografias, depoimentos orais, procedimento hoje tão corrente nas Ciências Humanas, tem a impressão inicial de que a experiência que se desenrola no tempo dispõe de um caráter infinito.

Os momentos vividos publicamente possuem entre si interstícios da existência privada ou de um cotidiano que corre incessante na biografia. Cotidiano que frequentemente transborda do seu leito, rompe barragens e confunde a vida íntima com os eventos históricos.

Aquela sensação de infinito é logo corrigida pela própria pesquisa que nos demonstra que a colheita mnêmica é parca, é lacunosa. Onde queríamos estampar a fisionomia viva do narrador, imprimimos os traços secos da máscara.

É o gesso do estereótipo que perpetua lembranças enquanto as imobiliza e resume.

Na verdade, a colheita mnêmica revela o mapa de uma pequena região do mundo, onde nos guiamos por sinais familiares, seja na percepção do tempo, seja na percepção do espaço.

Isto se estende aos seres vivos nos quais a morfologia do sistema nervoso confere diferentes significados ao meio e amarra as vivências em algumas poucas balizas para que não se dispersem.

Dentro da biografia há alguns momentos privilegiados: o nascimento, as crises da juventude, a formatura, o casamento, a chegada ou a perda de pessoas amadas... E há espaços privilegiados: a casa da infância, os trajetos do bairro, recantos da cidade, lugares inseparáveis dos eventos que neles ocorreram. A cidade possui alguns focos sugestivos que amparam nossa identidade, percepção e memória.

Mas entre as travessias forçadas e os percursos imprevistos, existe a preciosa noção do *caminho familiar*, com marcos onde a significação da vida se concentra.

Para o biólogo Von Uexküll, o *caminho familiar* é o universo dos valores vitais do organismo onde ações e reações ganham sentido.

Nessa fatal limitação da experiência, o pesquisador encontra, ao mesmo tempo, estreitamento e possibilidades novas.

O objeto de nosso estudo não é porém a memória, nem as vicissitudes do historiador ou do psicólogo, mas o concreto exame da opinião e do estereótipo.

Temos como primeiro dado que nosso círculo de experiência é finito; o nosso espaço vivido é pequeno.

Embora tenhamos a ilusão de participar intensamente desse mundo único que encerra os seres vivos, conhecemos, na verdade, um reduzido espaço dentro dele, e um caminho familiar pelo qual nos guiamos e onde repetimos nossos passos, entre a infinidade de caminhos oferecida a outros seres.

Se a nossa atividade essencial como sujeitos é ação e percepção, nós a exercemos dentro de um espaço de vida que nos rodeia como uma bolha de sabão e onde encontramos nosso significado biológico e existencial.

Conhecemos algumas pessoas, algumas coisas, alguns pedaços de paisagens, de ruas, alguns livros. Presenciamos alguns fatos, mas não presenciamos a maior parte dos fatos sobre os quais conversamos. Confiamos, porém, nas pessoas que viveram e presenciaram esses fatos, e o pensamento e o discurso cotidiano se alimentam dessa confiança social.

Além disso, sabemos que transfiguramos uma cena por nós assistida, e ela sofre uma distorção causada pelo ponto de vista. Como se a nossa percepção das coisas fosse, mais do que uma recepção, uma construção, uma tarefa sobre o mundo.

Quando entramos em um ambiente novo, de estimulação complexa, passamos por instantes de atordoamento. Tudo é uma mancha confusa que hostiliza os sentidos. Aos poucos, as coisas se destacam desse borrão e começam a nos entregar o seu significado, à medida da nossa atenção. É o trabalho perceptivo, que colhe as determinações do real, as quais se tornam estáveis para o nosso reconhecimento, durante algum tempo.

Essa colheita perceptiva, relação de trabalho e de escolha entre o sujeito e o seu objeto, pode sofrer um processo de facilitação e de inércia. Isto é, colhem-se aspectos do real já recortados e confeccionados pela cultura. O processo de estereotipia se apodera da nossa vida mental.

Nem sempre estamos dispostos à aventura da percepção: somos insensíveis e desatentos às coisas que povoam nosso mundo e, por isso, sofremos de uma perda, de um empobrecimento que nos faz capitular e enxergar através de mediações impostas. Castigo que sofremos à medida que não sentimos nem exercemos simpatia pelas coisas. A simpatia, que é uma afinidade pré-categorial do sujeito com o seu objeto, traz em si já uma intuição de ordem superior, que começa com a negação do óbvio e do já visto.

Ela pode se formar através de um trabalho sobre o mundo, de uma negação do lado imediato, que recebe sua recompensa quando já não descrevemos nem classificamos, mas habitamos as coisas do mundo.

Charles Dickens fala, através de David Copperfield, quando este recorda os primeiros anos de sua infância:

Creio que a memória da maioria dos homens guarda estampada os dias da meninice mais do que geralmente se acredita, assim como creio na faculdade de observação, sempre muito desenvolvida e exata, das crianças. Os homens feitos, que se notabilizaram por causa dessa faculdade, nada mais fizeram se não conservá-la, em vez de adquiri-la na sua madureza; e o que poderá prová-lo é que esses homens têm frescor, vivacidade e serenidade, além da grande capacidade de agradecer, dons que são também uma herança da infância.

Reconquistar o que se perdeu é muito difícil: difícil é o caminho da volta às coisas, de volta ao mundo da vida pré-categorial e pré-reflexiva, para reencontrar os fenômenos face a face. Esse caminho pede um alto grau de tomada de consciência da vida em si que começa na recusa do estabelecido, na suspensão da validade mundana.

No processo de estereotipia, os padrões correntes interceptam as informações no trajeto rumo à consciência.

Lippmann descreve um homem de negócios, em viagem, contemplando paisagens sem ver nada, a não ser possibilidades de loteamento. Esse homem costuma apreciar certas vistas em quadros pendurados na sala de visitas: um pôr-do-sol rosado, uma torre de igreja com uma lua prateada, por exemplo. Um belo dia, vai ao campo e viaja durante horas sem ver uma única "paisagem". Nisso, o sol se põe, numa atmosfera cor-de-rosa. Ele imediatamente reconhece a cena e exclama: finalmente, uma paisagem bonita!

No trato com as pessoas isso acontece frequentemente. Elas nos aparecem como que embaçadas pelo estereótipo, e é preciso tempo e amizade para um trabalho paciente de limpeza e reconstituição da figura do amigo, cujos contornos procuramos salvar cada dia do perigo de uma definição congeladora.

Como podemos encontrar o caminho das coisas se já nos disseram tudo antes que as experimentássemos? Como nos salvar dos preconceitos penetrantes que governam nosso processo de percepção? Onde começaram as nossas idéias sobre as coisas? Por que as aceitamos? Como chegaram a nós?

Se um grego quisesse encontrar a face ideal de sua época, teria os deuses nos templos para contemplar. E um homem do Renascimento iria encontrar essa face nas pinturas de Botticelli e de Leonardo. Mas a retratação das figuras humanas não era tão corrente: não houve ainda época em que, como na nossa, se visualizasse tanto... a imagem imóvel do jornal, a imagem móvel do cinema, da televisão...

Essas imagens têm autoridade sobre nós: e para nos invadirem elas nos pedem apenas o trabalho de ficarmos acordados.

O estereótipo nos é transmitido com tal força e autoridade que pode parecer um fato biológico.

A psicologia social descreve essa tendência a formar noções simplificadas que recobrem os elementos contraditórios do real, ignoram exceções e permanecem rigidamente imunes à experiência.

É a percepção social falsa. Mas por que se forma?

Talvez devido ao excesso de complexidade dos objetos sociais. É a hipótese de Asch. A simplificação seria uma etapa no conhecimento do ambiente; etapa que eliminaria os pormenores.

Quando as condições o permitem, as impressões iniciais são corrigidas e tornam-se mais inteligíveis à luz de novas experiências.

Que condições grupais determinam a rigidez ou a instabilidade da opinião? A explicação de Asch nos parece insuficiente, mas abre a perspectiva de um campo social mutuamente compartilhado e de um sistema de ação grupal sobre o indivíduo. Quando as relações, as leis do sistema, não são evidentes, ficam em nosso conhecimento lacunas entre a ação e a consequência. Compreender a ação social nos torna participantes inteligentes desse campo mutuamente compartilhado.

Quando a socialização é uma adoção acrítica de normas e valores, ela produz o medo do conhecimento. Quando delegamos para a autoridade o ato de pensar, essa delegação faz odiar os que pensam por si.

O repouso no estereótipo, nas explicações dadas pelo poder, conduz a uma capitulação da percepção e a um estreitamento do campo mental.

A criança, nos seus primeiros anos de vida, é mais dependente do consenso dos maiores; para viver de acordo com as exigências dos outros, limita e mata a sua vida interior. Essa auto-eliminação é conseguida pela restrição da consciência, que lhe traz segurança. Se não existisse a insubmissão, o acordo criaria uma sociedade especular, e a socialização faria de nós um espelho contra espelho que se reduplicaria infinitamente.

Se as atitudes fazem parte de um campo mutuamente compartilhado, a criança confia nos pais e nos professores, e o indivíduo, no seu grupo primário.

Confiamos nas instituições que nos socializam: eis a razão das nossas primeiras crenças e atitudes.

Que preço teremos que pagar, psicologicamente, pela insubmissão?

A mudança de atitude exige uma reorientação intelectual, um rompimento com os vínculos sociais. E uma reestrutura da experiência passada. A mudança de atitude causa uma desordem nas relações sociais.

Toda criatura reage defendendo-se da desorientação.

Defende, pelos meios mais econômicos a seu alcance, a orientação global necessária à sua atividade, ainda que isso pareça irracional.

A atitude é um sistema estável, uma organização de experiências sobre um objeto. É uma estrutura hierarquizada, em que as partes se relacionam entre si e com o todo. Mas é também uma estrutura semi-aberta que é parte de um contexto mais amplo.

Nessa forma unificada de ver os dados, as opiniões convergem, são interdependentes. Sempre que uma se abala, as outras também se abalam, pois são cognitivamente estruturadas.

Quando enfrentamos uma experiência traumatizante, podemos desejar lançá-la para fora de nosso campo. Mas, quando lançamos fora de nosso campo os fatos que nos abalam, ou que não conseguimos explicar, restringimos o horizonte, mas rompemos vínculos de comunicação com o mundo. Os fatos não assimilados continuam a causar tensão. E a estabilidade que se obtém é artificial.

A palavra "conformismo" não explica a dinâmica interna da situação. Wertheimer descreve esses "prisioneiros do presente" oscilando ao sabor dos episódios, ou apegando-se a um quadro rígido de referência para se protegerem da desorientação, resistindo arbitrariamente a qualquer mudança. O medo da desagregação traz impenetrabilidade a novas significações, tornando-os ao mesmo tempo rígidos e instáveis.

Podemos delegar à autoridade nossa confiança, mas, às vezes, as crenças e as convicções que nos vêm dela não se conciliam com a experiência.

Uma saída é limitar o pensamento. Porque há algo de audácia e aventura no pensamento que se opõe, e que pode levar a uma direção desconhecida.

A raiz dessa atitude pode ser a opressão e a repressão na infância. Deslocamos uma agressão impossível contra pais e superiores para grupos, pessoas, idéias diferentes. E esse deslocamento se acompanha de uma identificação com a força e com o opressor, pois só o poder parece objetivo. E se acompanha de uma menor tolerância do eu à ambiguidade do meio, do ódio à fraqueza, do apego aos fortes e à ordem. Esta é a síndrome que Adorno descreve como autoritarismo.

E as pressões posteriores à infância? Pressões da informação, das contradições econômicas, da ausência de objetivos comunitários?

O indivíduo, como vimos, defende-se delas através de uma limitação da imaginação e de um estreitamento progressivo do campo mental.



É preciso refletir sobre a opinião, ou sobre as vicissitudes da opinião em nossa vida.

Para Adorno, a opinião é a posição de uma consciência subjetiva, tida como válida, mas sem a universalidade da verdade. O conhecimento é a opinião verificada.

Certas classes atribuem a si o conhecimento; e a opinião, ao povo. O limite entre a opinião sadia e a demência não é traçado pelo conhecimento do concreto, mas por essas classes. A sua opinião se substitui à verdade do fato.

Os homens têm que operar com a opinião; isso é uma necessidade. Nem sempre podemos retroceder às condições de verificabilidade de nossas opiniões. A opinião é um risco: caminha mais depressa que o real e deve concluir coisas demais. É como uma excrescência além dos *realia*, um grão de loucura que pode germinar e se desenvolve selvaticamente.

Como passar da opinião para o conhecimento?

Pensar não é uma atividade subjetiva, é um relacionamento entre sujeito e objeto. É só essa relação com o objeto que nos faz passar da opinião para o conhecimento. Mas a não reciprocidade das relações entre sujeito e objeto é uma característica da nossa sociedade. O pensamento não é uma potência formal que se alimente de si mesmo. Deve voltar-se para o mundo e, se for um pensamento prudente, deve prover com objetos os seus conceitos.

A opinião sem recurso aos fatos gera uma razão interna que incorpora a si só o que lhe é semelhante, vendo em tudo confirmação de si própria. Falta-lhe a *liberdade para o objeto*, de que fala Hegel, que é a liberdade que o pensamento tem de assumir a diferença das coisas. E a coisa pertence ao mundo, não é reiteração mecânica da opinião.

Na vida prática, não temos sempre condições de transformar opinião em conhecimento: a verdade fica sendo a opinião comum.

A técnica acentua, no dia-a-dia, esse caráter mágico de não-verificabilidade.

O corretivo é a relação do pensamento com o objeto que o liberta do capricho, da volubilidade da opinião pela adesão humilde às coisas. Essa adesão humilde às coisas, muitas vezes perdida, e sempre a reconquistar, impede que as opiniões continuem a se repropor e a proliferar numa projeção doentia.

O mundo é opaco para a consciência ingênua que se detém nas primeiras camadas do real. A opinião afasta a estranheza entre o sujeito e a realidade. A pessoa já não se espanta com nada, vive na opacidade das certezas.

Como as coisas mudam, a opinião também deveria conhecer o espanto, mas, por consonância cognitiva, ela se recusa a ver, ela *trai* esse espanto diante do novo.

Como o mundo é regido por leis outras que as da nossa opinião, esta só se pode expressar de modo teimoso e contorsivo. O que leva, nos sistemas autoritários, a ceder a liberdade de opinião à autoridade. Assim, alienada, ela cobre as contradições. Quando o *eu* fraco se sente inferior ante o aparelho do poder, pode cair na identificação com o poder e no infantilismo.

Pensemos no assassinato de Kennedy e nas ondas de "explicações" que se sucedem sobre o fato. Temos aqui o exemplo de empobrecimento da verdade pelo uso da opinião, causada pelo jornalismo e por outros meios de difusão. É comum as pesquisas sobre os meios de comunicação caírem num círculo vicioso: para conhecer a opinião pública preciso conhecer os seus órgãos, para criticar esses órgãos preciso conhecer a opinião pública.

Os procedimentos tradicionais da pesquisa empírica não são capazes de entender o mundo amolecido pela opinião, isto é, a percepção alheia à experiência.

Platão distinguia a opinião (*doxa*) da verdade (*alétheia*). Na República, a opinião seria algo intermediário entre o conhecimento e a ignorância.

A consciência se enfraquece quando se dobra à realidade sem tensão; é preciso despregar a verdade das coisas por um esforço.

Mas essa atitude é contrária ao ceticismo corrente que diz: "já que não se pode estabelecer fronteira entre opinião e verdade, então, cada um fique

com a sua opinião". O que traduz o desespero de encontrar a verdade, como se a sociedade tivesse medo de confrontar com a Razão o seu irracional. Mas a Razão tem que ser mais lúcida que a fé ou a opinião; não basta acreditar nela como em algo fora e além de nós, como a fé nos anjos.

Ela é um trabalho, marcha do Espírito no qual o eu é um momento precário: ela pede o conhecimento em si, e não o interesse do indivíduo.

Se opinião e conhecimento requerem um conteúdo de consciência individual, uma apropriação subjetiva, esse momento egótico é perigoso, escorrega para o falso. As motivações que estão por trás da opinião (aplausos do grupo, segurança, repouso no estereótipo) são diferentes das que estão por trás da verdade. Não se trata de procurar uma simples congruência interna de fatos. Deve-se confrontar cada asserção com a experiência e voltar para as coisas.

Na medida em que o pensamento se formaliza, afasta-se desse confronto com as coisas, deixa as coisas como estão, o poder com o poder.

A ideologia, nós o sabemos, é uma consciência falsa, engendrada por uma forma de mercadoria. No processo de chegar à Verdade, atravessa-se a ideologia, mas como quem vence uma etapa. A consciência falsa é, pois, um "momento da verdadeira" (Lukács).

Esse processo interrompe-se, se nós relativizamos a verdade, se "cada um ficar com a sua opinião". Se a Verdade se torna opinião, ou debate caótico entre opiniões, a sociedade dos que pensam perde o cimento gnoseológico que a mantém unida. E depois de dizer que não há verdade objetiva, acaba-se aceitando que o Poder engendra a verdade.

A "doxa" é uma representação subjetiva; ela é apenas a opinião à procura da verdade. Para santo Tomás, ela é o ato do intelecto que se apóia sobre uma parte da contradição com medo da outra.

Sócrates crê na verdade. Seus oponentes, os sofistas, querem a vitória da opinião. Mas sempre que cedemos à opinião—e com frequência achamos que esse relativismo é uma virtude nossa —, é porque nos falta força para uma síntese racional.

Cada indivíduo pensa que é um caso à parte quando opina; mas ele acentua a sua particularidade enquanto exalta o poder que o alienou. Essa capitulação da consciência já é uma derivação do desespero. A propaganda não é a que nos vende um ou outro produto, mas é a que, continuando com Adorno, nos ensina atrás de cada produto particular: "Aquilo a que se pertence é bom por excelência".

A saída deve ser real e total, não se trata de corrigir detalhes ou partes dessa falsa consciência.



A abstenção de opinar também é problemática, pois se traduz em uma mobilidade anormal, que não chega à síntese.

Wertheimer descreve os "prisioneiros do presente", de comportamento ora rígido, ora instável, oscilando ao sabor dos episódios, mas renitentes à experiência.

A pessoa sem projeto fica molusca; problematizante: é a "imparcialidade" desvinculada do intelectual. Para quem todos os valores têm o mesmo valor: os "outros" teriam opiniões ou preconceitos por estarem condicionados ao passado, ou por qualquer outra motivação. Quando os intelectuais criticam a opinião alheia congelada em preconceito, crêem que o seu ceticismo seja mais objetivo. No fundo, é o subjetivismo do intelectual que não crê mais na possibilidade de conhecer a verdade e, por isso, suspende as certezas alheias.

Retomando: o conhecimento começa pela resistência à opinião, principalmente à que está endossada pelo poder. (E a opinião do dirigente se expande não porque seja a verdadeira, mas porque é a do dirigente.) Quando se ergue contra ela, o pensamento que diverge é tido por desordem. Mas a negação abstrata das opiniões coisificadas também é uma degeneração. Não aceita nada, mas não propõe nada.

O espírito não deve imobilizar-se nem na aceitação, nem na negação, mas tem que se empenhar numa vontade em luta contra o falso, numa vontade de consciência total e prática.

Mas só merece de nós um esforço aquilo que amamos.

Chegando ao fim deste exercício, vamos voltar ao princípio. Tudo começa numa afinidade, numa simpatia do sujeito da percepção e da ação pelo seu objeto.

Para alcançar esse alto grau de tomada de consciência da vida em si, há um momento de recusa do que foi estabelecido sem a nossa aquiescência e experiência. Isto se dá sempre que nós queremos habitar plenamente as coisas do mundo.

Se há no cientista um momento de astúcia, de desconfiança e luta, ele é motivado por uma percepção aventureira em busca do conhecimento.

É preciso que o psicólogo busque simpatizar para que ele possa voltar às coisas e às pessoas; e que ele trate, como queria Bergson, a vida como camarada.

Mas essa atitude não é uma técnica, é uma conversão.

Ecléa Bosi é professora titular de Psicologia Social da USP.

Novos Estudos
CEBRAP
Nº 32, março 1992
pp. 111-118

RESUMO

O presente artigo busca entender como se dá a percepção cotidiana e o processo de formação do estereótipo. Os padrões reiterados socialmente podem interceptar as informações no seu trajeto rumo à consciência, causando estreitamento do campo mental. Analisa do ponto de vista fenomenológico como se forma a falsa consciência, como convivemos com ela e quais são os caminhos de saída e de conquista de uma percepção mais livre na procura do conhecimento.